

14795 - Reflexões sobre o projeto pedagógico do curso de Tecnologia em Agroecologia da UFPR Litoral

Reflections about the pedagogical project of the course of Technology in Agroecology of UFPR Litoral

BICA, Gabriela¹; HOELLER, Silvana²

1 UFPR Litoral, bica@ufpr.br; 2 UFPR Litoral, silvanafid@yahoo.com.br

Resumo: A implantação do curso de Agroecologia na UFPR Setor Litoral, dentro de um projeto de emancipação dos sujeitos, levanta alguns pontos de reflexão entre educadores e educandos. Esta experiência relata o ponto de vista de duas educadoras do curso, a partir de potencialidades e fragilidades encontradas durante o fazer pedagógico e a necessidade de compreender a educação agroecológica e sua complexidade. Entendemos que construir caminhos coletivamente é um desafio a ser superado e que temos elementos importantes para fundamentar processos de educação agroecológica.

Palavras-Chave: Educação; Complexidade; Autonomia

Abstract: The implantation of the course of Technology in Agroecology at UFPR Setor Litoral, within a project of emancipation of the subjects brings out some questions to reflection. This experience is reported from the point of view of two educators, about potentialities and weaknesses shown during the pedagogical practice and the need to comprehend agroecological education and its complexity. We understand that collectively build paths is a challenge to be overcome and that we have important elements to substantiate processes of agroecological education.

Keywords: Education; Complexity; Autonomy

Contexto

O texto a seguir parte das vivências de duas educadoras do curso Superior de Tecnologia em Agroecologia da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral (UFPR Litoral), de 2006 a 2013. O relato parte da implantação de um Projeto Político Pedagógico (PPP) diferenciado, com base no desenvolvimento integral dos estudantes e promoção de autonomia e protagonismo, frente à realidade local.

Com a implantação do Setor Litoral, em 2005, havia a oferta do curso de Agroecologia em nível técnico pós-médio, com duração de dois anos e carga horária de 1600 horas. Durante três anos, os educadores e educandos acumularam experiências e reflexões, chegando à conclusão de que a complexidade da Agroecologia e a necessidade de interagir com as demandas da realidade local não cabiam mais no ensino de nível técnico. Desta forma, em 2008 teve início a primeira turma de Tecnologia em Agroecologia, com carga horária de 2500 horas e três anos de duração regular.

O curso foi elaborado dentro dos preceitos do PPP do Setor, que obedece aos tempos e espaços de aprendizagem, intermediados pelos Fundamentos Teóricos Práticos (FTP), as Interações Culturais e Humanísticas (ICH) e os Projetos de Aprendizagem (PA).

Os FTP's são espaços de aprendizagem em que são trabalhados conteúdos específicos de cada profissão; nas ICH's são trabalhados temas transversais que consistem um dos elos da formação profissional do estudante com a realidade e a comunidade local, estimulando vivências e reflexões que privilegiem as relações entre os saberes científicos, culturais, artísticos, populares, pessoais entre outros; os PA's são espaços de investigação, pesquisa e curiosidade, em que o estudante desenvolve um projeto que faça a relação com o ICH, FTP e a realidade local (UFPR LITORAL, 2013).

Cada espaço de FTP, ICH e PA está pensado a partir de tempos pedagógicos diferenciados em que o estudante se percebe em três fases: conhecer e compreender, compreender e propor e propor e agir. Na primeira fase o estudante é estimulado a conhecer de forma crítica a realidade e a despertar para a necessidade de aprofundamento teórico-prático nas próximas fases. Já na segunda fase o estudante aprofunda-se em teorias, práticas e metodologias, articuladas com os conhecimentos significativos dos saberes técnico-científicos, interações culturais e humanísticas e projetos de aprendizagem. Na última fase, o estudante está na transição para a vida profissional e isso será desenvolvido na relação com FTP, ICH e PA (UFPR LITORAL, 2013).

Descrição da experiência

Construção do Projeto Político Pedagógico Curricular - PPC

O referido curso foi implantado com o objetivo de proporcionar aos estudantes os conhecimentos da Ciência Agroecológica, tendo em vista contribuir para a promoção do desenvolvimento local e regional, a partir da visão da complexidade (UFPR LITORAL, 2013). Neste sentido, dentre as habilitações da formação profissional, o egresso poderá interagir em equipes, visando o desenvolvimento sustentável, respeitando as diversidades e os saberes populares; bem como atuar com autonomia na construção de novos conhecimentos e práticas inovadoras no âmbito da agroecologia.

Quando da elaboração do PPC, a equipe pedagógica idealizou o projeto pensando a partir de três grandes eixos de formação: educação, sistemas de produção agroecológicos e processos de gestão. Os eixos são relacionados pela teoria da complexidade, sem pré-requisitos e distribuídos em módulos de aprendizagem. O curso não apresenta estágio obrigatório, mas cada período possui um módulo de Síntese, com a intenção de fazer com que o estudante reflita sobre os processos de ensino-aprendizagem e dos conhecimentos produzidos. Desta forma também é possível articular as vivências desde o início do curso, proporcionando o contato com a realidade local desde o primeiro período.

Resultados

Reflexões sobre o PPC e suas intencionalidades

Passados cinco anos desde o início da primeira turma de Tecnologia, é possível destacar alguns pontos importantes para avançar na construção e avaliação do PPC. Idealizar o PPC entre educadores e educandos é um exercício que se dá no movimento entre teoria – prática – reflexão.

Todo o processo vivido nesses anos de curso coloca vários questionamentos que muitas vezes são levantados, mas não analisados ou mesmo nem refletidos no conjunto. Entretanto, o PPC tem um amplo potencial na intencionalidade de construção de autonomia dos sujeitos, apontando como ponto de partida e chegada a relação dialógica com a realidade.

Além disso, são muito positivas as flexibilidades criadas no curso, como a opção por não haver pré-requisitos entre os módulos, por se ter a integralização curricular em um único turno, permitindo aos estudantes poder trabalhar no contra-turno, e por se buscar na relação interdisciplinar a consolidação dos espaços de aprendizagem. Desta forma, tem-se a conexão dos saberes necessários para a construção significativa do conhecimento, em módulos de aprendizagem, onde os conteúdos estão distribuídos de forma interdisciplinar, gradativamente complexa e significativa para o estudante (BICA, 2007)

Entretanto, apesar de todo o esforço para se trabalhar a interdisciplinaridade e dialogia entre os módulos, percebemos que muitas vezes eles se distanciam uns dos outros, num processo contrário à lógica do PPP e do PPC. No que se refere aos conteúdos de aprendizagem, percebe-se que há necessidade de se fazer uma maior conexão entre os módulos, uma prioridade para que agroecologia seja pensada com compromisso social dos sujeitos. Um caminho para sular essa integração seria deixar explícito, em projetos de ação entre educadores-educandos-comunidade, os compromissos firmados a partir de eixos temáticos geradores.

É importante frisar que para atuar em um projeto deste vulto é necessário que os sujeitos passem primeiro por um processo de “desconstrução” para então se “reconstruir” numa nova lógica de ensino-aprendizagem. Esta re-construção, para além dos sujeitos, passa também pelos processos organizacionais, em que a burocratização emperra e fragiliza a educação, especialmente quando aliada à individualização dos fazeres pedagógicos. Projetos que priorizam o protagonismo e a autonomia de seus envolvidos nem sempre cabem nos moldes sistemáticos da educação tradicional. É preciso rever conceitos, sistemas operacionais, avaliações e tudo mais que diga respeito ao cotidiano do sistema educacional, de modo que as questões pedagógicas não fiquem subjugadas às leis e burocracias que não dão conta de novas práticas educacionais.

A busca da qualidade e do sentido do trabalho docente está imbricado na organização permanente do fazer pedagógico no curso. Neste sentido, para enfrentar os desafios e perspectivas do mundo e da própria agroecologia é preciso um corpo docente coerente com os princípios da agroecologia e de processos de formação docente continuada. Há a necessidade de um compromisso coletivo, de educadores comprometidos com a formação de sujeitos emancipados. De acordo com SÁ (2013), a escola é um espaço privilegiado na vivência de interações complexas que aproximam e unem as diversidades, as diferenças dos sujeitos, num movimento dialógico que contempla complementaridades, antagonismos e tensões. É o espaço e lugar onde os educadores dialogam uns com os outros – seus pares e os educandos – numa relação de convivência, de acolhimento e de compreensão.

Nessa relação de convivência, os sujeitos devem ter autonomia na construção do conhecimento. Neste ponto há dificuldades de várias ordens, e há evidências, de acordo com PETRONI (2010) de que as formas como as relações se empreendem na escola, são permeadas por questões burocráticas e disputas de poder, constituindo-se em empecilhos para o desenvolvimento da autonomia e da emancipação de seus atores.

Acreditamos que o individualismo não pode sobrepor ao coletivo e nos apoiamos em MARQUES (2013), que comenta que a irredutibilidade do individual ao coletivo e do coletivo ao individual expressa toda riqueza pedagógica do ato de educar, demonstrando que, levada às últimas conseqüências, nem uma liberdade puramente ontológica, nem um engajamento histórico por si mesmo traduzem, com exatidão, o sentido do existir humano e do ato pedagógico.

Para além disso, o perfil do egresso deve ser claro em relação ao compromisso com a sociedade. Muitos estudantes buscam o ensino superior como complementação de seus estudos, entretanto são oriundos de modelos de educação tradicionais e cartesianos, desvinculados da realidade e sem compromisso social. Neste curso pretende-se em egresso capaz de agir na realidade frente aos desafios cotidianos e temos percebido essas qualidades presentes em alguns profissionais. Além disso, os ingressantes no curso nem sempre têm ligação direta com a agricultura familiar ou comunidades tradicionais, o que se traduz numa realidade bastante diversa, no ser e no fazer. É preciso também repensar os formatos de ingresso nas instituições de ensino, especialmente quando se pensa em grupos específicos, como por exemplo, agricultores familiares, cuja realidade ainda dificulta a concorrência em concursos vestibulares tradicionais.

Com tudo isso, entendemos que construir caminhos coletivamente é um desafio a ser superado e que temos elementos importantes para fundamentar processos de educação agroecológica, seja promovendo maior entendimento de conceitos como complexidade, autonomia e emancipação; seja repensando sistemas e mudando paradigmas em educação, dando mais sentido ao fazer coletivo e re-significando a educação como um todo. Os desafios e as potencialidades estão postos, basta escolhermos os elementos que serão fundamentais em nossas caminhadas.

Referências bibliográficas:

BICA, GS; HOELLER, S; GANDIN, RV; PAGLIA, EC. Educação e agroecologia: caminhos que se completam, Rev. Bras. de Agroecologia. Out/2007. Vol.2, no.2.

MARQUES, CD. A EDUCAÇÃO ENTRE O SINGULAR E O COLETIVO A PARTIR DA CRÍTICA DA RAZÃO DIALÉTICA DE SARTRE. Educação e contemporaneidade, Revista da FAEEBA. V. 22, n. 39, 2013.

PETRONI, A.P.; SOUZA, V.L.T. As relações na escola e a construção da autonomia: um estudo da perspectiva da psicologia. Psicologia & Sociedade; 22 (2): 355-364. 2010.

SÁ, RA; CARNEIRO, SMM; LUZ, AA. A ESCOLA E OS SETE SABERES: REFLEXÕES PARA AVANÇOS INOVADORES NO PROCESSO EDUCATIVO. Educação e contemporaneidade, Revista da FAEEBA. V. 22, n. 39, 2013.

UFPR Litoral. Projeto Político Pedagógico. Disponível em: <http://www.litoral.ufpr.br/>. Acesso: 20/07/2013.